

12



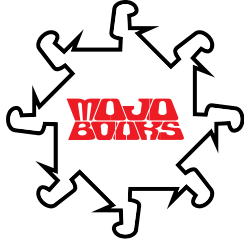
tim maia
RACIONAL

recontado por
MARIEL REIS

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

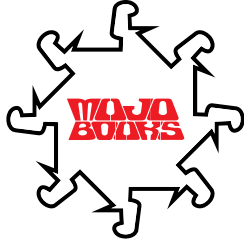
Danilo Corci
organizador



VOLUME 12

RACIONAL
tim maia

recontado por **MARIEL REIS**



VOLUME 12

RACIONAL
tim maia

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

design gráfico e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Fevereiro de 2007

*Para minha mulher Aurea.
Por tudo.*

*“Eu tive que subir
Lá no alto
Para ver
Energia racional a verdadeira luz da humanidade”
Tim Maia*

I.

A vitrola amolava uma música antiga. Não havia no ambiente sinal de que houvesse alguém na casa. No quarto, Charles arrumava uma pilha de discos na estante e se prendia a lembranças da infância. Via sobre a escrivaninha fotos suas com a mãe. Recordava passeios no parque com o avô. Lembrava-se principalmente do pai, de quem herdaria os LPs.

O pai era dono de um sebo no Centro da cidade. Arnaldo. Um homem gordo, calvo, que parecia gerente de banco e se emocionava com quase tudo. Vendia livros e discos antigos, negociados a peso de ouro com cada comprador. Tinha dificuldade em se despedir dos objetos. A cada manhã espanava e limpava todo o acervo, exigindo dos funcionários tremendo cuidado no manuseio das mercadorias. Era filiado ao Clube do Vinil, onde homens da mesma idade se encontravam para trocar impressões sobre os bolachões. Para alguns, os funcionários da loja eram pessoas da família, como Procópio, o antigo guitarrista do *I Don't Have Mind*.

O pai de Charles conhecera sua mãe numa excursão à Cha-



pada Diamantina, na década de 70. Acabaram se casando num
cerimonial de invocação dos elementos em que todos bebiam
um chá para alcançar novos estados de consciência.



II.

A vitrola tocava a noite toda um *rock* progressivo que enchia os cornos de qualquer um. “Só mesmo com muito álcool para agüentar a xaropada das guitarras falantes”, dizia a mãe. Charles, como herdeiro dos vinis de Pink Floyd & cia., não via mal algum em ouvir grupos assim o tempo todo, desde que estivessem numa frequência pouco captada pelos amplificadores e houvesse uma atmosfera totalmente preparada por vapores inebriantes, para que a transição para outro plano fosse completa. Recriminava a mãe, mas com afeto. Respondia a ela que precisava, de alguma forma, fazer a cabeça. “Estar em outra.” E mesmo que aquele barato não servisse de coisa alguma agora, era uma espécie de trampolim para a época. Via os dois, pai e mãe, saltarem juntos para universos desconhecidos em busca de autoconhecimento.



III.

Estranhando o papo do filho, ela resolveu perguntar pelas compras e se ele havia levado os cachorros à veterinária. Charles não respondeu. Trancou-se novamente no quarto.



IV.

Charles acreditava que, se escutasse determinados discos ao contrário, seria premiado com mensagens secretas que os compositores arranjavam entre letra e melodia. Quando julgava ter ouvido alguma coisa importante, voltava lentamente o disco, produzindo um som que a mãe jurava ser quase uma base de *rap*.



V.

Ele juntava uma série de livros que se diziam místicos. Lia tudo de uma só vez, buscando encontrar iluminação, ainda que duvidosa, daquelas prometidas por meio de exercícios que envolvem respiração, meditação e outros bichos complicados.

A mãe sentia uma ansiedade incomum ao vê-lo participar de grupos que visitavam cemitérios. Decidiu contar-lhe sobre a época da gravidez e a maneira como ele se parecia com o pai, na busca de sentido pela existência.



VI.

— Charles, meu filho, você sabe que o Arnaldo fazia parte de um conjunto na juventude. Ele tocava com o Wilson Ben. Antes de entrar na banda, tocou em um monte de inferninhos e festas, até que, ao se apresentar numa boate em Copacabana, topou com o Ben. No fim, Ben procurou seu pai e disse que Arnaldo estava se perdendo, tocando para um monte de babacas. Disse ainda que se ele estava realmente a fim de fazer algo que prestasse devia unir-se a ele numa cruzada pelo bem e pela paz. Arnaldo não entendeu direito a Cruzada pelo Bem e pela Paz, mas, como admirava o som do Wilson e rolava grana alta na parada, aceitou. Pelo menos como experiência. Na época, Wilson Ben estava numa completamente diferente. Quando apareceu aqui em casa, estava todo vestido de branco, cara limpa, cabelo escovado. O estado do cara era de estranhar. Ainda mais sabendo como ele realmente era. Alguma coisa havia mudado nele.



VII.

“Agora sou um homem novo.”, “Nada pode me ferir, nem chegar.”, “O universo conspira a meu favor.” Os músicos, inclusive Arnaldo, achavam graça. E não viam nada demais em acompanhar os devaneios de Ben, contanto que no final a grana pintasse.

O templo ficava distante. Lá para dentro de Nova Iguaçu. Uma vez por semana íamos todos para lá. Não se admitia que qualquer um dos rapazes faltasse à sessão de limpeza e imunização. As coisas corriam bem porque a imprensa achava curioso um bando de homens de branco tocando músicas cheias de apelos à conversão. O número de seguidores crescia cada vez mais. As vendagens não paravam de subir. Arnaldo parecia ter descoberto um negócio da China. O dinheiro não parava de entrar. Compramos casa, carro. Viajamos para todos os lugares. Mas o único entristecido era Wilson Ben, que parecia não se importar com o que ganhava. Na época, fez uma extravagância: começou a dar dinheiro. Tinha filas enormes no portão da casa dele. Dizia: “O universo não quer que um só homem detenha a salvação”. Aquilo causou um mal-estar enorme.



VIII.

No mês seguinte, a ordem era que nos mudássemos. Viveríamos com o Mestre da seita. Quem não concordasse podia esquecer a grana, o conjunto e os *shows*. Não tínhamos escolha, porque naquele período era Wilson quem administrava os negócios. Ele era muito radical. Todo o conjunto, incluindo seu pai e eu, não demoramos a fazer as trouxas e rumar para o tal Cantinho do Céu.

Minha gravidez estava adiantada, perto do quinto mês. Arnaldo chamou Ben para uma conversa. Queria ver se o fazia recobrar a razão.



IX.

“Arnaldo, meu chapa, nosso espírito está curvado diante desse senhor chamado dinheiro. Aqui temos a chance de nos reencontrar e contatar o nosso interior. Eu entendo todo o grilo que pode pintar nessa sua cabecinha, irmão. Mas aqui você está seguro”. Arnaldo saiu puto. Não tinha o que falar para Wilson. Este, com toda a lenga-lenga de buscar Deus, não levava em consideração as necessidades de cada um dos integrantes do conjunto. Naquela noite seu pai resolveu que, enquanto a gaita rolasse, nós estaríamos no barco.

A estrutura no Cantinho do Céu era feudal. Trabalhava-se o todo tempo no campo. O trabalho só era interrompido para os louvores. Os homens tinham de dormir em camas separadas das mulheres. As mulheres, quando estavam menstruadas, não podiam deixar seus aposentos, estavam proibidas até de ir ao louvor. Todos os que manifestassem qualquer manifestação especial de afeto eram repreendidos. Não importava a quem. Até ao próprio companheiro.

A refeição era frugal: comíamos o que plantávamos. Não



existia banheiro. Talvez eles chamassem de banheiro uma pequena latrina colocada no alto de um morro, onde, à noite, todas as mulheres faziam sua toailete. As visitas eram limitadas.



X.

A imprensa gostava de noticiar uma nova maluquice a cada dia. Nos programas para os quais éramos convidados, não cantávamos. Simplesmente distribuíamos mensagens para a platéia em panfletos ordinários. Arnaldo não conseguia olhar direito para ninguém. Não queria trair Wilson Ben, mas a situação só piorava. Naquela apresentação, quando Wilson começou um louvor sem perguntar a nenhum dos músicos se concordava com aquilo, seu pai abandonou o palco. abandonou o palco.



XI.

Arnaldo se preocupava e se aborrecia. Discutia com os camaradas da banda, não se esforçava para encarar a situação com ânimo. E não tinha o mínimo jogo de cintura.

Procópio estava em turnê com uma banda que tinha um nome esquisito, em inglês. E estava sem um músico, que havia sofrido um acidente. Lembrou de Arnaldo para substituí-lo e foi procurá-lo. A primeira reação de Ben foi “Que merda esse cara faz aqui?” e depois “Tudo bem. Todo mundo é bem-vindo”. Procópio alojou-se com os demais e não se demorou uma semana conosco. Não agüentou as restrições e, sem poder fumar ou entupir o nariz, deu no pé. Prometeu denunciar aqueles malucos que viviam em estado medieval à polícia.

XII.

Nesse meio tempo, Wilson descobriu que o novo empresário da banda estava doente. Algumas semanas depois, o cara morreu. Ficamos arrasados. Ruim com ele, pior sem ele - pensávamos. Nos últimos tempos, só tinham conseguido se segurar graças ao talento do empresário. E agora, como se virariam? Ben sugeriu que o Mestre da seita assumisse a direção dos negócios. Os outros integrantes sugeriram que Arnaldo se afastasse do conjunto para cuidar dos contratos. A contrariedade era visível em Wilson e, para que as coisas não piorassem ainda mais, acatamos.

As coisas não poderiam piorar.

O picareta do Mestre desviava todo dinheiro dos shows. Wilson Ben, cego, não percebia que estava sendo roubado. A busca espiritual não permitia que ele enxergasse a verdade. Não acreditava que alguém pudesse enganá-lo sem levar o troco da Providência. Acreditava na própria imunização. Contudo, uma coisa não podíamos negar: ele estava na sua melhor fase. Cantava que era uma beleza. Os arranjos nunca tinham sido tão criativos. Os músicos não podiam estar mais entrosados.



XIII.

O álbum foi lançado. Tinha catorze faixas. Todas falavam do Universo, dos problemas existenciais e da solução descoberta por ele, Wilson Ben. Foi um fiasco. A crítica deu as costas para aquele espetáculo ridículo. Arnaldo não reagiu bem.



XIV.

Minha gravidez apresentava problemas. O oitavo mês tinha ficado para trás. O médico me aconselhava cesárea. Você estava atravessado, com um dos pés preso na minha costela. Se eu tentasse parto normal, correria o risco de morrer ou de te matar. Estremeci ao ouvir tudo isso e falei com seu pai. O melhor era que ficássemos perto do hospital. Ligamos para uns conhecidos. Conseguimos abrigo. Arnaldo soube que estava sendo procurado por Ben.

XV.

Nas rádios, uma ou outra faixa justificava o esforço da gravação. Todas as emissoras se negavam a tocar até mesmo as mais comerciais.

Uma noite minha bolsa estourou. Tivemos de nos mandar depressinha para o hospital. Era uma madrugada fria. As pessoas voltavam lentamente para as suas casas. Não se esperava problemas.

Quando Arnaldo parou num sinal, perto do hospital, percebeu que alguém nos olhava. Um homem, obviamente do grupo de Bem, nos reconheceu e partiu em nossa direção. Arnaldo subiu os vidros. O cara começou a espancar a porta e a gritar coisas confusas. O sinal demorou a abrir. Arnaldo perdeu a paciência. Desceu do carro e esmurrou o cara.

XVI.

Não me lembro dos detalhes, mas Arnaldo exigiu de Wilson Ben toda a grana pelos shows. Pressionou os outros músicos a darem o fora. Você tinha uns quatro anos quando abrimos o sebo. Ainda demorou algum tempo para que Ben viesse nos procurar. O encontro não foi agradável. Velhas acusações foram trocadas, mas, no final, eles se entenderam. Tomaram uns tragos juntos. Amaldiçoaram uns tantos picaretas. E prometeram não tocar mais no assunto.



XVII.

Charles compreendia a mãe. Mas não dava nenhuma importância à história. Levantou-se e, quando ia se enfiar no quarto novamente, em busca de novas descobertas, foi advertido: “Ora, ora criança!”, disse a Duquesa. “Tudo tem uma moral, é apenas uma questão de encontrá-la”. Olhou para a mãe e pensou no que acabara de ouvir.

FIM



RACIONAL

SOBRE O CANTOR

Sebastião Rodrigues Maia, mais conhecido como Tim Maia, foi um mito. Pioneiro em trazer para a MPB o *soul*, rapidamente tornou-se um dos grandes nomes da música brasileira que influenciou uma gama variada de artistas nacionais.

De vida turbulenta, ele teve sérios problemas com vícios. Colecionou desafetos e processos trabalhistas - de músicos contra ele e dele contra gravadoras -, além de reneçar publicamente antigas amizades, ameaçar críticos e faltar a shows.

Em sua rica discografia, Tim Maia produziu dois álbuns obscuros e independentes que se tornaram clássicos: *Racional - Volume 1* e *Racional - Volume 2*. Dois discos mágicos de Tim, que na época mergulhou fundo nos ensinamentos da seita Universo em Desencanto, liderada pelo ufologista Manuel Jacinto Coelho. Repletos de letras confusas e bizarras que divulgavam a filosofia "Racional", os discos trazem um Tim Maia no seu auge musical, aliando *funk* e *soul* com maestria.

CRÉDITOS ORIGINAIS

RACIONAL - TIM MAIA

Design por Tim Maia

Vol. 1 lançado em 1975

Selo: Seroma

Produzido por Tim Maia

Para mais informações sobre o cantor, visite:

pt.wikipedia.org/wiki/Tim_Maia

SOBRE O AUTOR

Autor presente em várias antologias de contos, o carioca Mariel Reis já publicou o livro *Linha de recuo* e participou do volume de poesias *Uma nova cartografia do Rio*, organizado por Ferreira Gullar. Alguns de seus trabalhos foram publicados em veículos literários como os jornais Panorama da Palavra, Rio Letras e Rascunho, entre outros.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

12 RACIONAL VOL. 1

TIM MAIA
PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. IMUNIZAÇÃO RACIONAL
2. O GRÃO MESTRE VARONIL
3. BOM SENSO
4. ENERGIA RACIONAL
5. LEIA O LIVRO UNIVERSO EM DESENCANTO
6. CONTACTO COM O MUNDO RACIONAL
7. UNIVERSO EM DESENCANTO
8. YOU DON'T KNOW WHAT I KNOW
9. RACIONAL CULTURE

